

# (Des)construção de um jogar na obra de Victor Costa

## *Finding a play in Victor Costa's work*

DIANA COSTA\*

Artigo completo submetido a 23 de janeiro de 2017 e aprovado a 5 de fevereiro 2017.

\*Portugal, artista visual. Doutoramento em Belas-Artes pela Universidade de Lisboa. Mestrado em Pintura pela Wimbledon School of Art, Londres. Licenciatura em Artes Plásticas Pintura pela Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes (FBAUP).

AFLIAÇÃO: Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Universidade de Lisboa. Largo da Academia Nacional de Belas Artes, 1249-058 Lisboa. Email: dianagodinhocosta@gmail.com

**Resumo:** Este artigo propõe apresentar o jogo pictórico e processual do trabalho desenvolvido pelo artista plástico Victor Costa, as pesquisas prévias à obra e a forma como se jogam e conciliam em termos de composição e cromatismo na tela. A (des)construção de um jogar na obra de Victor Costa refere-se à estrutura do seu processo que se alicerça em três meios: na fotografia de investigação, na manipulação digital e cromática e na repetição.

**Palavras chave:** construção / jogo / fotografia / digital / repetição.

**Abstract:** *This article proposes to present the pictorial dynamic/game and procedure of the work done by the artist Victor Costa, the previous researches to the work and the way they play and reconcile in terms of composition and chromatism on the canvas. The (de) construction of the game in the work of Victor Costa refers to the structure of his process that is based in three ways: research photography, digital and chromatic manipulation and repetition.*

**Keywords:** *construction / game / photography / digital / repetition.*

### Introdução

Durante a sua carreira artística, os artistas produzem as suas obras usando as ferramentas disponíveis em cada momento criativo. No momento atual, vários são os processos e técnicas ao dispor, nomeadamente as potencialidades digitais que podem acrescentar valor ao processo criativo sem descurar os processos tradicionais.

A perspetiva deste artigo implica uma abordagem que pretende compreender e explorar a construção processual de uma obra do artista Victor Costa,

estabelecendo paralelos entre as referências ao real e aquilo que realmente pretende ser representado. Qual o universo visual do artista para cada exposição ou tema escolhido e como ele é conquistado/registado?

A obra do artista visa a importância de um pensamento plástico sistemático na criação das formas, em intimidade com a racionalização teórica, contextualizando a intuição e descoberta de novos significados. Trata-se de colocar em campo a necessidade de criar uma lógica conceptual e perceptiva, criando sistemas caracterizados por meticulosidade, regularidade e repetição, de forma a manipular a ordem de entendimento dos diferentes níveis de composição, analisando de que forma eles se apresentam, dialogam ou interagem com a realidade criativa/plástica gerindo e articulando a manipulação digital e a produção mais tradicional.

### **(Des)construção de um jogar**

Para o desenvolvimento do artigo foram escolhidas as seguintes obras:

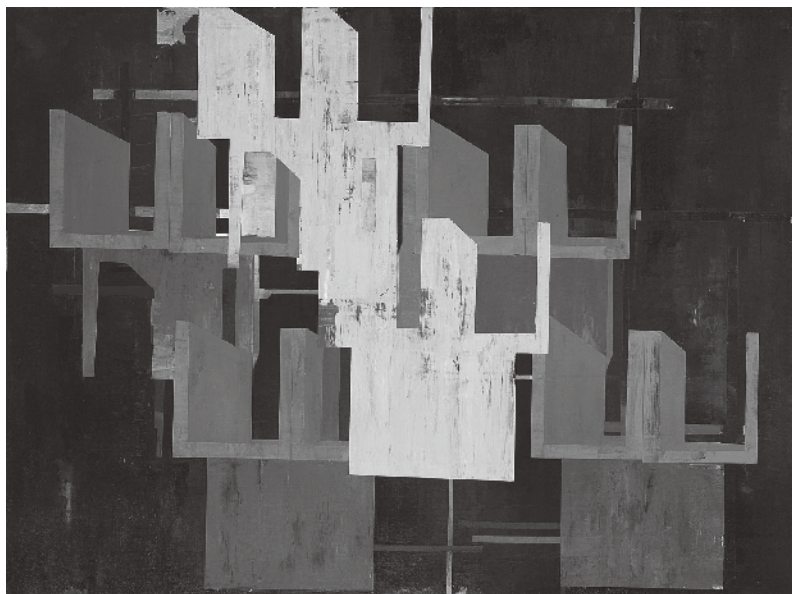
A obra da *Figura 1* pertence a um conjunto de trabalhos realizados para a exposição *Underpaintings* que decorreu na Galeria do Jornal de Notícias no Porto e na Galeria do Diário de Notícias em Lisboa. A obra da *Figura 2*, pertence à exposição com o título *Teorema da Cor*, que decorreu na Fundação D.Luís I em Cascais. Estas duas obras, apesar de pertencerem a exposições diferentes, foram escolhidas porque em termos estruturais e cromáticos, o seu enquadramento temático define o processo do artista.

Como referido acima a *(des)construção de um jogar na obra de Victor Costa* refere-se à estrutura do seu processo que se alicerça em três meios: na fotografia de investigação, na manipulação digital e cromática e na repetição.

A fotografia de investigação, no processo prático do artista, define-se como uma pesquisa que, dentro de um tempo determinado, define a reserva de imagens que servem como símbolos para arquitetar uma ideia. Ideia essa que, de alguma forma, assume um valor que privilegia o conceito ou a ideia que subjaz à obra.

Nestes exemplos concretos, o artista fez uma recolha fotográfica em empresas que produzem blocos de cimento para construção civil, registando todos os objetos que fazem parte dos procedimentos de construção de peças em cimento.

Nas pilhas de cimento amontoados em terrenos planos, o artista descobre estruturas e séries que, ao serem registadas ganham uma vida própria, multiplicam-se e dividem-se em múltiplos de si próprios, somam-se e tornam-se pretexto para começar.



**Figura 1** · Victor Costa, 2010, sem título, acrílico sobre tela, 150x200cm. Coleção Miguel Champalimaud. Fonte: própria.

**Figura 2** · Victor Costa, 2011, sem título, acrílico sobre tela, 130x180cm. Coleção do Autor. Fonte: cedida pelo artista.

### Manipulação digital e cromática.

A facilidade com que hoje qualquer utilizador manipula softwares acontece devido a um contexto favorável para o seu aparecimento: vontade e necessidade de experimentar a imagem de um modo mais veloz e manipulável.

Na prática artística de atelier de Victor Costa não acontece de forma diferente. As possibilidades que os softwares como o *Photoshop* permitem como multiplicar, espalhar, movimentar, e fazer estudos cromáticos não são desperdiçadas pelo artista e tornam-se prática corrente, processual e inevitável à sua criação. As fotografias arrecadas são lançadas para o programa, sofrem recortes, duplicações e estudos de cor que originam as primeiras camadas de tinta na tela em atelier. Após as primeiras camadas/*layers* de tinta serem aplicadas, novas fotografias são registadas e manipuladas novamente em *Photoshop* de forma obter as melhores composições e as melhores ligações cromáticas.

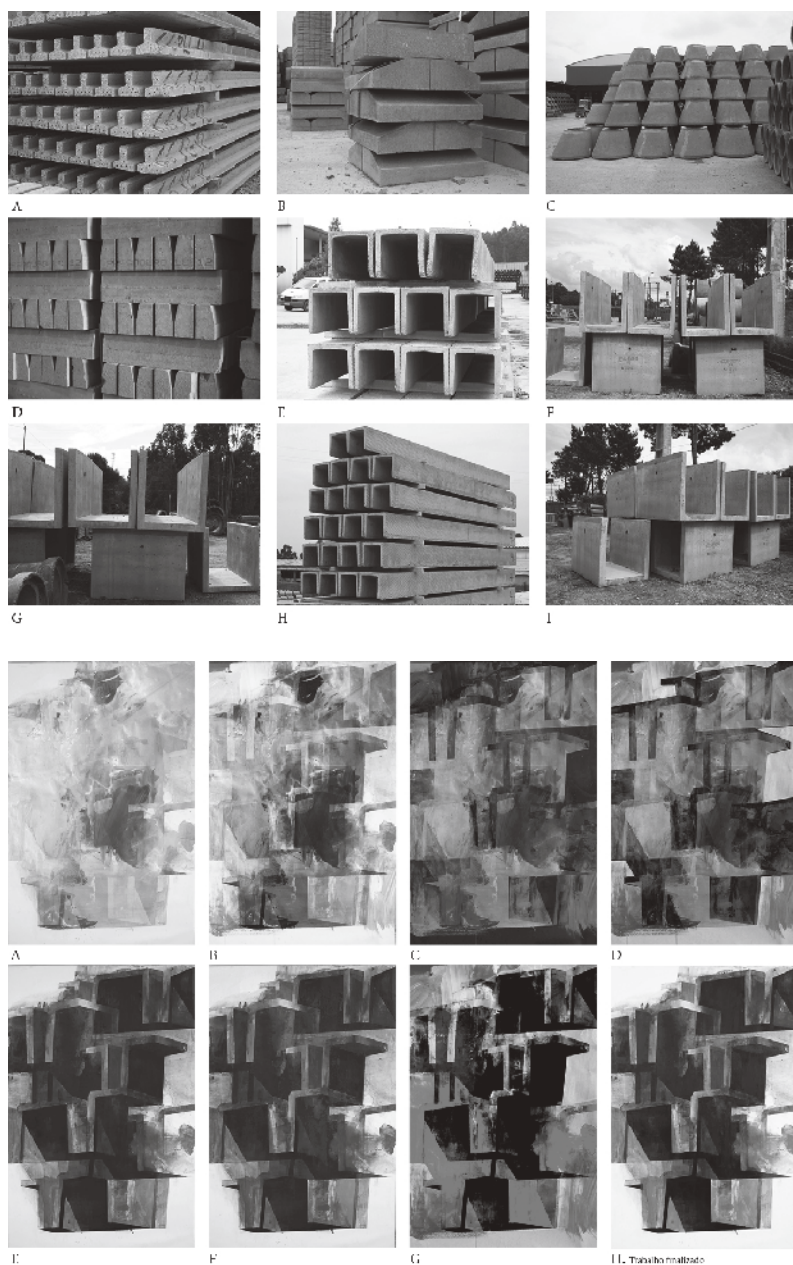
Trata-se de um processo circular, quase sem fim, de ida ao atelier e retorno ao computador, a prática e a máquina conjugam-se para um objetivo final, reduzindo o tempo de produção e alcançando de forma controlada os melhores resultados possíveis. Uma prática sempre vinculada a um trabalho digital, que parte e absorve o procedimento artístico de atelier. Onde o artista dá resposta à pergunta sempre latente quando somamos novas ferramentas às técnicas tradicionais de atelier: qual a vantagem de criar um sistema que articula a tecnologia digital e a produção plástica pictórica? Pode-se afirmar que parte significativa das pesquisas feitas sobre esta tipologia de experiência entre atelier e *media* digitais (computador), põe em destaque os aspetos cognitivos envolvidos no processo, rebate e rompe com a tradição. Trata-se de uma ferramenta de criação que implica uma *praxis* onde o artista aprende a dominar o software com um propósito: de produzir e antever resultados, onde universo tecnológico é um meio para desenvolver novos territórios de atuação de forma a aplicar a sua subjetividade e desenvolver o seu espaço criativo.

Vejam-se alguns exemplos de estudos e manipulações e composições de uma obra do artista: Figura 4.

### Repetição

O panorama artístico tem vindo a estabelecer novos paradigmas sobre a repetição como conceito e prática. E, perante a possibilidade de construção de novas situações e experiências, afirma-se por vezes: "repetir, repetir, até ficar diferente..." (Barros, 2010).

A repetição revela-se nestas e em toda a obra do artista desde 2007 como conceito operativo, possibilitando diversas apropriações, e como instrumento,



**Figura 3** · (A.B.C.D.E.F.G.H.I.) Fotografias do acervo temático do artista Victor Costa. Fonte: cedido pelo artista.

**Figura 4** · Victor Costa, Estudos de composição e cromatismo com manipulação digital. Sendo a imagem H o trabalho final, produto de atelier. Fonte: cedidas pelo artista.



criando uma imensa variedade de resultados pelo seu uso.

A aplicação de comportamentos repetitivos é uma estratégia de trabalho para o artista, embora varie consoante cada proposta artística e contexto em que o trabalho é realizado, e usada de modo constante e metódico.

O recurso à repetição na sua obra é da ordem da ordenação, organização e combinação (como nas séries matemáticas), e está associado à necessidade de organizar uma rotina, um quotidiano e, simultaneamente, de rompê-la e fazer surgir algo novo. O gesto repetitivo é intrínseco à aprendizagem humana e, por isso, é comparável às necessidades e às atividades do quotidiano, como por exemplo, ir trabalhar diariamente sempre à mesma hora, dormir, comer, etc. A repetição ocorre como método, conceito e prática (aplicação do conceito) e recurso artístico, sendo elemento integrante da produção e estando patente na composição da imagem final.

De que forma o artista faz uso do mesmo símbolo, repetindo-o, e consegue resultados finais sempre diferentes? As suas obras demonstram uma necessidade de desdobramento como forma de crescimento, sempre em forma de sequência, regenerando a forma inicial (pela cor ou pela posição), para que esta caminhe para uma desconstrução dela mesma. Aproxima a forma do informe, pois a composição desconstrói-se em vez de se compor, a expressividade sobre põe-se a qualquer outro valor artístico e a pintura gera-se a si mesma. Mostramos como uma forma perde a sua referência inicial e se renova numa sequência de trabalho. Veja-se por exemplo a Figura 2, onde o peso do cimento inerente à função definida para aquele objeto como referente, perde a sua composição física e pesada e transforma-se em algo tão leve pela sugestão de suspensão e transparência assumida pelo artista.

Para Deleuze (referência na abordagem a este conceito), a repetição é “verdadeiramente o que se disfarça ao se constituir e o que se constitui ao se disfarçar” (Deleuze, 2000).

Como se percebe pela imagem da *Figura 5*, as formas aparentemente parecem todas a mesma, mas quando olhamos para o rigor do formato e o rigor geométrico apercebemo-nos das suas diferenças. Intencional ou não, através da formação continuada de imagens, o artista pretende com a repetição responder ao desvanecimento do que é real, no esforço de manufaturá-lo. Para tal, a simulação e a sugestão fortalecem os confrontos no campo dos sentidos.

Afirma-se neste momento que cada coisa repetida na sua obra é a própria repetição: é sempre constituída por outra coisa.

Para gerar um efeito, melhor ou pior, a repetição deve ser entendida (detetada) e, para tal, está sujeita a vários fatores: uns estão vinculados à denominação



**Figura 5** · Demonstração de um elemento frontal e suas repetições e diferenças.

do destinatário, à sua concentração e capacidade de atenção, às particularidades de um observador; os outros fatores referem-se à codificação e significação. A repetição assume-se como um dispositivo de criação, onde as estruturas de repetição e alternância são propícias à criação e inteligibilidade da imagem no seu processo de formulação e construção. Não se trata da construção de uma narrativa, não é intenção do artista, mas de uma consequência de acumulação e codificação plástica, sempre dependente de um conjunto visual, icónico e expressivo, estrutural na forma de criar do artista.

A repetição é então fundadora da sua obra, mas apresenta também um carácter de aperfeiçoamento permitindo apurar esteticamente os resultados imagéticos.

### **Conclusão**

Quando falamos de (des)construção na obra do artista, podemos falar também de (des)ordem visual como reflexo de todas a (des)construção processual onde podemos ter a percepção dos diversos detalhes que compõem os trabalhos finais. A ação (montagem) é o fator determinante para este propósito, uma vez que os objetos dependem dela para surgirem, não possuem posição fixa e vão-se espalhando na composição formada pela ação registada. Sendo assim, o trabalho modifica-se, de cada vez que é pensado ou composto, evidenciando aspetos do jogo pela manipulação das peças e pelas diferentes combinações nos inúmeros desdobramentos internos.

A arte habita o espaço da sua autocrítica, quando se interroga sobre os seus modos de fazer, sobre as ideias que origina e as possibilidades infindáveis da sua própria interpretação. Procura campos de atuação sem limites, de forma a encontrar novas conexões.

Este novo tempo (cheio de ferramentas) proporciona maior velocidade na aquisição de informação e conhecimento e esta possibilidade remove obstáculos, quebra o tempo e o espaço interligando produções, criando uma multiplicidade de elos criativos e outros.

A forma como o artista e o próprio ser humano de forma geral faz as suas escolhas perante as ofertas de ferramentas, tecnologias e procedimentos é um dos estímulos levados a cabo para esta pesquisa e investigação.

Vivemos num momento especial da arte, não por causa das revoluções de estilo, ou por causa de um novo conceito de verdade artística, mas porque estamos na era do entendimento do domínio das novas ferramentas tecnológicas da arte e suas funcionalidades nos projetos artísticos mais ou menos tradicionais. Warhol sabia, já nos anos cinquenta, que os media tinham mudado as coisas e que essa mudança era irreversível. A adaptabilidade da tecnologia



à arte reside naquilo em que acreditamos ser possível, e que nos leve a criar/construir algo novo.

Recordo as palavras de Sebastião Salgado sobre o momento em que trabalhava sobre a sua última exposição *Genesis* em que afirma que a sua aproximação à natureza foi tão profunda, que ele mesmo se tornou natureza. Como nessas palavras, também seria possível dizer que Victor Costa ao introduzir e absorver estes novos meios e ferramentas no seu processo, tornou ao processo indispensável o uso dos mesmos. Os meios tornaram-se processo.

Victor Costa foi professor até 2005 da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Foi Fundador e Diretor do Centro de Arte de S. João da Madeira de 1986 a 2014, foi também responsável pelo Núcleo de Arte Oliva Creative Factory assumindo as funções de Diretor durante o seu primeiro ano de atividade. É Fundador e Membro do Conselho de Administração do Lugar do Desenho – Fundação Júlio Resende. Expôs individualmente nos anos 80 e 90 na Galeria Módulo em Lisboa e no Porto e mais recentemente na Fundação Júlio Resende, Fundação D. Luís em Cascais, Jornal de Noticias no Porto e Diário de Noticias, em Lisboa e Galeria S. Mamede, Porto e Lisboa. Participou em exposições coletivas, em Nova Iorque, Feiras Internacionais de Arte em Madrid, em Espanha e Basel, na Suíça. Expôs no Luxemburgo, Goa, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, Belém do Pará, Niterói, Museu de Belas-Artes de Santiago do Chile, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Macau e Egipto. Está representado em várias instituições portuguesas e estrangeiras e tem obra pública de cerâmica, vitrais e tapeçaria.

## Referências

Barros, Manoel (2010) *Uma Didática da Invenção*, in M. Barros, *Poesia Completa*. São Paulo: Texto Editores.

Deleuze, Gilles (2000) *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio d'Água.